

Como trabalhar noções básicas de música com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I

FERREIRA, Caroline Salles¹; BECKER, Daiane Acco Rossarola²

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Visuais, da UESPAR – FACITEC

² Professora Orientadora do Curso de Artes Visuais, da UESPAR – FACITEC

RESUMO: O presente artigo se refere a um estudo sobre a importância do ensino da música no primeiro ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de mostrar como um professor pode ensinar música mesmo sem ter formação específica na área. Para isto, apresentam-se os benefícios que a música traz ao indivíduo nos aspectos psicológico, psicomotor e social, bem como a capacidade de interdisciplinaridade que a música propicia. Apresentam-se ainda alguns exemplos de atividades possíveis de serem realizadas por um professor que não tem conhecimento aprofundado em música e que facilitam a aprendizagem dos alunos. Para isto, realizou-se primeiramente uma pesquisa de cunho bibliográfico, na qual se utilizou de artigos e obras de autores que discutem o ensino da música na educação básica. Em seguida, realizou-se uma pesquisa-ação com alunos de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal, na cidade de Palotina, no Estado do Paraná. Por meio deste estudo, evidenciou-se que os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental conseguiram se apropriar de maneira adequada dos conceitos propostos.

Palavras-chave: Ensino de Música. Ensino Fundamental I. Professor de Arte.

How to work basic notions of music with 1st grade students from Basic Level

ABSTRACT: This paper is related to a study about the importance of teaching music in the 1st grade of basic level, with the goal of showing how a teacher can teach music without having the specific graduation. For this, it was showed the benefits of music to people in psychological, psychomotor and social aspects, as well as the interdisciplinary capacity that music has. It is also presented some examples of

¹ Avenida Presidente Kenedy, 2300 - Jardim Itália, Palotina - PR, 85950-000. E-mail: caroline-krol@hotmail.com;

² E-mail: deiriacco@hotmail.com

possible activities that can be done by a teacher who does not have in-depth knowledge of music and which facilitates students learning. For this, first of all, it was done a bibliographic research about the music teaching in basic level. Next, it was done an action research with students from 1st grade of a public school from Palotina, Paraná. With this, it was possible to see that these students were able to learn the musical proprieties and to internalize the concepts.

KEYWORDS: Music teaching. basic level. Arts teacher.

INTRODUÇÃO

A música se faz presente na vida dos seres humanos desde as primeiras civilizações e aos poucos foi conquistando seu espaço dentro do ensino. Ao longo da história, várias tentativas de implantação da música no contexto escolar foram realizadas, mas ainda há muito a percorrer.

De acordo com Camargo (2009), a lei nº 11769/2008, sancionada pelo Governo Federal, tornou obrigatório o ensino da música na educação básica. Tal lei trouxe à tona a necessidade de reforçar a formação do professor que atua nesse nível de ensino, especialmente os professores de Arte, considerando que esta disciplina está organizada em quatro linguagens artísticas: dança, artes visuais, música e teatro, que estão presentes nos currículos escolares e que precisam ser trabalhadas.

Diante deste contexto, o presente estudo tem como tema central o ensino de música no primeiro ano do Ensino Fundamental. O interesse por esse estudo se deu durante as aulas de música ministradas no curso de licenciatura em Artes Visuais, que trouxeram inquietação e levaram a investigar se um professor de Arte pode ensinar música sem ter uma formação específica na área, uma vez que o aprendizado da música propicia às crianças o aguçamento de suas habilidades e atua como instrumento de socialização.

Desta forma, no percurso da pesquisa, objetivou-se mostrar a importância da música na formação social, psicológica e psicomotora do indivíduo, assim como, explicar a contribuição da música no processo de assimilação de conceitos em sala de aula por meio de um processo interdisciplinar. Apresentam-se ainda maneiras de desenvolver atividades musicais em sala de aula considerando a necessidade que o professor de Arte tem em trabalhar essa linguagem artística na educação básica. Ao final do estudo, verificou-se que as crianças em idade do primeiro ano escolar do

Fundamental I conseguiram se apropriar dos conceitos básicos da música, sendo eles som, silêncio, ritmo, altura, intensidade, duração e timbre.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se de estudos que discutem o ensino de música na educação básica. Realizaram-se, também, práticas de observação de turma e aplicação de duas aulas de música. Desta forma, a pesquisa se caracterizou como bibliográfica e pesquisa-ação.

1 O ENSINO DA ARTE NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NÍVEL I

A Secretaria de Educação, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1997, afirma que no início do século XX, o ensino de Arte valorizava as habilidades manuais, voltando-se para o domínio técnico e priorizava sempre a reprodução.

Já entre os anos 20 e 70, de acordo com os PCNs (1997), o ensino da Arte voltou-se para as formas de expressão e compreensão de mundo da criança, valorizando o processo de criação e o desenvolvimento do aluno. Por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1971, a Arte foi incluída no currículo escolar, porém foi considerada apenas como atividade educativa e não como uma disciplina e se intitulava Educação Artística.

Segundo os PCNs (1997), a partir dos anos 80 o cenário começou a mudar. Surgiu o movimento Arte-Educação, que trouxe à tona discussões acerca da formação do professor de Arte, e, por meio da Lei n. 9.394/96, a Arte foi considerada obrigatória na educação básica e possibilitou que, ao fim da década de 90, novas tendências para o ensino de Arte surgissem, como a conquista de ensinar conteúdos próprios da cultura artística e não apenas o simples fazer por fazer.

1.1 UMA BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA ACERCA DA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL

De acordo com Soares e Rubio (2012), a música é uma linguagem universal, presente na vida do ser humano desde as primeiras civilizações, e sempre se fez presente nos momentos importantes da sociedade, como os religiosos e os ritualísticos.

Segundo Queiroz e Marinho (2007), o conceito de música varia conforme a cultura, pois cada povo tem sua própria maneira de se expressar por meio da música. Sendo assim, a música se torna um excelente instrumento de expressão e transmissão cultural. Para os autores, o conceito de música abrange o tocar um instrumento, o canto, a maneira de organizar os sons e definir as notas musicais, bem como seus intervalos.

Com relação à educação musical no Brasil, Mateiro (2006) afirma que a partir da década de 1930, com a queda do sistema republicano, várias iniciativas passaram a marcar a regulamentação do ensino de música no Brasil. Dessa forma, com o intuito de trabalhar a coletividade, o patriotismo e a disciplina, a música tornou-se obrigatória nas escolas primárias e secundárias. Para Queiroz e Marinho (2007), na mesma época, Heitor Villa-Lobos, diretor da Superintendência de Educação Musical e Artística (Sema) conseguiu instituir o canto orfeônico³ nas escolas do Distrito Federal, chegando ao Brasil no ano de 1942. Devido à falta de formação de professores nesse ramo, após trinta anos o canto orfeônico foi substituído por outras propostas mais amplas de educação musical nas escolas.

De acordo com Mateiro (2006), no ano de 1971, com base no artigo 7º da Lei 5692 de 1971, a Educação Artística foi inserida no currículo escolar de I e II graus, hoje Ensino Fundamental e Ensino Médio, obrigando o professor a praticar um ensino polivalente, abrangendo várias áreas das artes, inclusive a música.

A partir de 1980, conforme Queiroz e Marinho (2007), surgem os cursos de pós-graduação na área de Artes, emergindo mais estudos e pesquisas nessa área, o que fez com que os cursos de Arte se tornassem mais específicos, conforme o campo de atuação. Em 1991 fundou-se a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), que veio repensar e fortalecer o ensino de música no país, promovendo reformas curriculares nos cursos de formação de professores. A Associação continua ainda hoje realizando encontros, debates e a troca de experiências entre pesquisadores, professores e estudantes da educação musical

³ O ideal do canto orfeônico tem suas raízes na França. No início do século XIX, o canto coletivo era uma atividade obrigatória nas escolas municipais de Paris e o seu desenvolvimento propiciou o aparecimento de grandes concentrações orfeônicas que provocavam o entusiasmo geral. O canto orfeônico tem características próprias que o distinguem do canto coral dos conjuntos eruditos. Trata-se de uma prática da coletividade em que se organizam conjuntos heterogêneos de vozes e tamanho muito variável. Nesses grupos não se exige conhecimento musical ou treinamento vocal dos seus participantes. (GOLDEMBERG, 2002, p. 105).

dos diversos níveis e contextos de ensino com o intuito de estimular a educação musical no Brasil.

Segundo os mesmos autores, a LDB 9.394/96 tornou a arte conteúdo obrigatório nas escolas de educação básica, excluindo o termo educação artística e estabelecendo o termo Arte. Assim, o Ministério da Educação, no ano de 1997, elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que passaram a direcionar o trabalho do professor da educação básica, inclusive do professor de Arte⁴.

Para Queiroz e Marinho (2007), diante de uma história de erros e acertos, o ensino de Arte ainda precisa de estudos que fortaleçam a sua estrutura na educação básica, principalmente no que diz respeito às séries iniciais do Ensino Fundamental, em que, muitas vezes, é o professor regente, com formação em Pedagogia ou em outra licenciatura, o responsável pelo ensino da Arte.

Desta forma, conforme Nascimento (2013), surge a necessidade de promover mudanças nas práticas educativas com relação ao ensino polivalente de Arte. A criatividade e a imaginação tornaram-se fundamentais na educação. Nesta perspectiva, a Arte deve ser base para o sistema educativo que não pode mais se restringir ao saber ler, contar e escrever, mas sim deve ir além, desenvolvendo nos estudantes sensibilidades e aptidões que estão incluídas em todas as disciplinas do currículo escolar.

Segundo Soares e Rubio (2012), a música é abordada no ambiente escolar como recreação, em momentos festivos e como forma de relaxar os alunos e não de forma pedagógica, como uma disciplina cujo objeto de estudo é o conhecimento artístico e estético.

Nesse sentido, segundo as autoras, a implantação da Educação Musical na educação básica, deve ir além de um mero fazer, deve ocorrer como um compromisso com a formação da essência do ser humano.

Para Mateiro (2006), outro problema no ensino da música na educação básica, é a carga horária reduzida oferecida para este fim, sendo que, na maioria das escolas que oferecem aula de música, elas acontecem apenas uma vez na semana, por volta de quarenta minutos. Este tempo é insuficiente para um

⁴ Hoje há como documento orientador em âmbito nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e, em âmbito estadual, há as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná.

aprendizado adequado. Além disso, a falta de recursos e equipamentos também dificulta o ensino da música nas escolas.

De acordo com Soares e Rubio (2012), trabalhar a música na escola vai além da ludicidade. A música deve ser uma ferramenta para facilitar o processo de aprendizagem, tornando a aula mais alegre e receptiva.

Godoi (2011), compactuando com as ideias de Soares e Rubio (2012), afirma que o uso da linguagem musical transforma o indivíduo e o mundo em que vive, tanto no que se refere à ação e ao pensamento, como nos seus aspectos subjetivos.

Neste sentido, Queiroz e Marinho (2007) indicam que promover experiências diversificadas sobre música nas escolas de educação básica é a melhor forma de proporcionar, a uma grande parcela da sociedade, a oportunidade de vivenciar a música nas suas mais variadas formas, já que a escola básica é um espaço que todos têm o direito de frequentar, tornando assim o acesso à música mais democrático.

1.2 CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Para Jeandot (1997), ainda no útero materno, a criança já tem contato com o ritmo, através do pulsar do coração da mãe. Assim que a criança nasce, o contato com a música é imediato, uma vez que ouve o som da voz das pessoas que a cercam, bem como dos objetos sonoros de sua casa. E antes mesmo de aprender a falar, o bebê já experimenta os sons que pode produzir com a boca.

Segundo Ilari (2003), a infância é a idade ideal para receber estímulos, desde que não em excesso, pois o cérebro da criança está em seu pleno desenvolvimento, facilitando a aprendizagem. A esse respeito, a música se faz como um excelente estímulo para a criança, pois propicia que ela construa seu próprio conhecimento musical, conforme afirma Jeandot (1997):

As crianças gostam de acompanhar as músicas com movimentos do corpo, tais como palmas, sapateados, danças, volteios de cabeça, mas, inicialmente, é esse movimento bilateral que ela irá realizar. E é a partir dessa relação entre gesto e o som que a criança – ouvindo, cantando, imitando, dançando – constrói seu conhecimento sobre música, percorrendo o mesmo caminho do homem primitivo na exploração e na descoberta dos sons. (JEANDOT, 1997, p. 19).

Para a autora, a música exerce grande influência sobre a criança, devendo ser trabalhada nas escolas de forma consciente pelos professores, visto que afeta os aspectos sensoriais e afetivos da mesma. A música é uma linguagem e deve ser trabalhada com a criança conforme o processo usado em relação à fala, ou seja, deve-se dialogar com ela por meio da música.

Segundo Soares e Rubio (2012), a música contribui para a aprendizagem da criança, favorecendo seu desenvolvimento afetivo, linguístico, cognitivo, social e psicomotor, pois desenvolvendo na criança a capacidade de acompanhar gestos e danças, desenvolver-se-á sua coordenação motora e sua atenção. Ao cantar e imitar sons, ela torna-se capaz de estabelecer relação com o meio em que vive. Todas as atividades que envolvem música melhoram a habilidade motora e o conhecimento corporal, desenvolvendo a desenvoltura da criança.

Nesta perspectiva, segundo as autoras, ao desenvolver atividades musicais, o educador pode perceber a capacidade de observação e a memória auditiva da criança, podendo trabalhar com mais propriedade os pontos em que o aluno tem dificuldade. Desta forma, elas apontam que, ao trabalhar a música de forma coletiva, trabalha-se o aspecto social, promovendo a cooperação e a comunicação. Conforme Jeandot (1997), ao iniciar-se o processo de socialização, torna-se possível a realização dos jogos musicais coletivos, que vão ficando cada vez mais elaborados.

Sendo assim, Ilari (2003) afirma que, dentre as atividades musicais que contribuem na formação da criança, destacam-se o canto acompanhado por gestos, que ativam a memória e a linguagem; o movimento corporal, que ajuda na orientação espacial e no desenvolvimento motor; os jogos musicais, que quando trabalhados de forma lúdica motivam o aprendizado, o neurodesenvolvimento, a orientação espacial, a atenção e o pensamento social; a notação musical, que estimula a orientação espacial, a ordenação sequencial e o pensamento superior, e por fim, a construção de instrumentos musicais, que beneficia o desenvolvimento motor, o controle da atenção e a ordenação sequencial.

Segundo a autora, além de proporcionar estes benefícios, a educação musical deve ser divertida e prazerosa, de modo que desenvolva no aluno a cultura e o gosto musical.

A música também executa um papel interdisciplinar em sala de aula, pois por meio dela ou utilizando-se dela é possível trabalhar conceitos pertencentes a

outras áreas do conhecimento. Conforme Ilari (2003), o aprendizado musical favorece o ensino de conceitos e ideias, por meio das atividades musicais.

Segundo Soares e Rubio (2012), promover atividades musicais relacionadas com os conteúdos trabalhados em outras matérias incentiva a aprendizagem. As cantigas de roda introduzem a criança ao mundo da leitura; as parlendas, devido às suas características folclóricas, desenvolvem o aspecto psicossocial da criança e influenciam a comunicação verbal, tendo papel muito importante no processo de alfabetização; por meio das cantigas estabelece-se uma ligação entre o ler, o escrever e o decodificar. Assim, de acordo com as autoras, as atividades musicais não devem visar à formação de músicos, mas sim à ampliação da cultura e dos benefícios que trazem às crianças, contribuindo para a formação do ser humano.

Ilari (2003) assinala que existe muita confusão entre os termos inteligência musical e o talento, já que estes não são sinônimos. O talento é algo natural de uma pessoa e não existe em todos da mesma forma, ele é algo fixo e não necessita muito aperfeiçoamento. Já a inteligência musical é algo que pode ser adquirido e compartilhado, é algo que todos possuem, em graus diferentes e pode ser definida como a capacidade de perceber e entender alguns componentes musicais, como ritmo, timbre, estilos, melodia, dentre outros.

Jeandot (1997) afirma que crianças no primeiro ano do Ensino Fundamental, com idades de cinco a seis anos, conseguem cantar melodias inteiras, conhecem um amplo repertório musical, conseguem sincronizar movimentos de seu corpo com a música, reproduzem tons de ré até dó superior, percebem os diferentes timbres, as variações de intensidade e de altura, os sons ascendentes e descendentes e acompanham e repetem uma sequência rítmica.

Isto indica a grande potencialidade que as crianças possuem para se apropriarem dos elementos da música, assim como, a importância de o professor trabalhar esta linguagem artística em sala de aula.

1.3 O PROFESSOR E O ENSINO DA MÚSICA

Segundo Figueiredo (2003), os professores licenciados em música são os mais adequados para o ensino de música no contexto escolar. Entretanto, nos anos iniciais de escolarização, esses profissionais raramente são solicitados, o que contribui para a ausência da educação musical nos primeiros anos escolares.

Contudo, Queiroz e Marinho (2007) afirmam que um professor não músico pode fazer uso de inúmeras atividades musicais, mesmo não sabendo ler música. Para isso, ele não precisa de uma formação específica em música, mas sim conhecer musicalidade e ter interesse pela música e pelos sons. As autoras destacam que os professores sentem falta de uma educação musical mais aprofundada e acabam colocando isso como empecilho para desenvolver música em suas aulas.

Godoi (2011) afirma que é importante que o professor perceba que ensinar música não é apenas ensinar instrumentos ou canções decoradas e descontextualizadas. Ensinar música depende da percepção e da sensibilidade do professor em encontrar maneiras de a música ajudar em sua aula, relacionando-a com que o professor planejou.

De acordo com Soares e Rubio (2012), para que haja maior compreensão do conteúdo trabalhado, o professor deve ter a sensibilidade de perceber o momento e o tipo de música que deverá ser utilizado, tornando a aula mais dinâmica e atrativa.

Neste sentido, Godoi (2011) afirma que o professor deve sempre partir do conhecimento que a criança já possui, para então ir introduzindo novos conceitos. Deve também cuidar para não deixar de lado o meio cultural e social da criança, o que pode levar ao desinteresse dela pela música. Segundo o autor, a música deve ser trabalhada de diferentes formas para ter um resultado significativo, como por exemplo, a partir de exercícios de pulsação, canto, brincadeiras cantadas, sonorização de histórias, jogos musicais, construção de instrumentos musicais, dentre outros.

Jeandot (1997) sugere que o professor pesquise o universo musical a que a criança pertence, ao mesmo tempo em que encoraja a descoberta de novas realidades musicais. Para a educação musical ser útil, deve despertar o senso musical e desenvolver a sensibilidade. A autora afirma que o professor deve adaptar as atividades conforme o nível de desenvolvimento das aptidões e do estágio auditivo em que a criança se encontra.

Sendo assim, percebe-se que a educação musical, mesmo apresentando algumas limitações, conforme exposto anteriormente, é exequível no contexto escolar e necessita de uma maior atenção por parte dos professores.

2 PROCEDIMENTOS E DISCUSSÃO

O estudo, aqui exposto, envolveu primeiramente uma pesquisa de cunho bibliográfico. Foi realizado o levantamento e posterior estudo de autores que discutem o ensino de música na educação básica. Em um segundo momento, realizou-se uma pesquisa-ação, tendo como campo de estudo e aplicação uma escola municipal, na cidade de Palotina, Estado do Paraná, na turma do primeiro ano do Ensino Fundamental nível I.

Esta pesquisa-ação primeiramente se deu por meio de práticas de observação da turma, em seguida foram realizadas ações juntamente com o professor regente, auxiliando-o no decorrer das aulas e interagindo com a turma e depois foram ministradas, pela pesquisadora, duas tardes de aula, abrangendo os seguintes conteúdos da música: som, silêncio, timbre, ritmo, altura, intensidade e duração.

A pesquisa-ação se caracteriza como

um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (GIL, 2002, p. 55).

Sendo assim, após as práticas de observação e coparticipação iniciou-se o processo direto de trabalho com os alunos, sendo que na primeira etapa foi explicado sobre som e silêncio e colocados alguns sons do cotidiano para os alunos identificarem. Logo após receberam duas atividades: uma de colorir as imagens que representassem o som e o silêncio e a outra de enumerar os sons, de acordo com a ordem que ouvissem.

Em seguida foi exposto sobre o timbre e realizado uma atividade recreativa para que percebessem que o que diferencia uma voz da outra é o timbre. Nesta atividade todos os alunos deveriam fechar os olhos, enquanto o professor-pesquisador caminhava pela sala e encostava-se a um deles, que respondia com um “boa tarde” e os colegas adivinhavam qual aluno falou. Logo após, os alunos manusearam alguns instrumentos musicais e realizaram a atividade anterior novamente, mas, desta vez, substituindo a voz pelo som dos instrumentos.

Após, contou-se a história musical “O boto carioca”, com o auxílio de palitoches, para introduzir o conceito de ritmo. Em seguida falou-se sobre o ritmo dentro da música, ensinando a acompanhar o ritmo de algumas músicas infantis por meio de palmas. Então, cada criança recebeu um chocalho confeccionado com garrafa pet e realizou-se o mesmo exercício, apenas trocando as palmas pelo chocalho. Para finalizar o conceito de ritmo, instruiu-se cada criança a construir seu próprio ritmo usando as mãos e os pés, entregando para eles duas mãos e dois pés impressos em sulfite, para que dispusessem na ordem em que quisessem e colassem no caderno e então cada aluno tocou seu ritmo para a turma.

Ao final das práticas, os alunos foram questionados oralmente sobre os conteúdos aprendidos durante o dia, a fim de perceber se realmente tinham aprendido os conceitos musicais.

Na segunda etapa, explicou-se o conceito de altura do som, diferenciando o som grave do som agudo com o auxílio de um teclado no aplicativo Walk Band no celular, ouviu-se uma canção sobre a altura do som e, em seguida, foi proposta a atividade na qual os alunos deveriam colorir com a cor indicada, conforme a altura do som produzido pela ave ilustrada.

Sobre a intensidade do som, procurou-se mostrar que o som pode ser forte ou fraco. Isto ocorreu por meio de exemplos de sons fortes e sons fracos utilizando-se da fala e do canto, variando a intensidade da voz. Mostrou-se também, por meio de palmas, a variação da intensidade do som e os alunos foram convidados a acompanhar as palmas. Logo após, foi encaminhada uma atividade para que os alunos exercitassem o entendimento sobre a intensidade por meio de palmas, na qual se escolhia um aluno para ficar com os olhos fechados no canto da sala, enquanto outro escondia um objeto pela sala. O aluno que estava com os olhos fechados procurava o objeto; os demais alunos batiam palmas com fraca intensidade enquanto ele estava longe de achar o objeto e batiam palmas com intensidade forte, quando o aluno estava perto do objeto escondido. Logo após, os alunos deveriam colorir as imagens com cor escura ao ouvir um som forte e cor clara ao ouvir um som fraco.

Terminada a atividade, foram encaminhados os alunos para a quadra de esportes da escola, onde foram realizadas duas brincadeiras relacionadas à altura do som: uma, na qual as crianças deveriam correr pela quadra ao ouvir um som agudo e entrar na “toca” de bambolê ao ouvir um som grave; e, a outra foi a

brincadeira “morto e vivo”, na qual as crianças deveriam se abaixar ao ouvir um som grave e levantar ao ouvir um som agudo.

Foi explicado, também, sobre a duração do som, e foram colocados alguns sons para eles identificarem se eram curtos ou longos. Então foi entregue um desenho para colorir, no qual as crianças deveriam desenhar uma bolinha em baixo da figura que faz som curto e uma linha embaixo da figura que faz som longo.

Por meio da exposição de como foram realizadas as atividades envolvendo os elementos formais da música, percebe-se a possibilidade de o ensino da música tornar-se uma realidade nas escolas de educação básica.

A partir das atividades propostas e dos conceitos trabalhados foram observados os seguintes resultados:

Som e Silêncio: ao ouvirem a explicação sobre o significado e como se faz som e silêncio, observou-se que a grande maioria da turma conseguiu entender e colorir as imagens propostas. Segundo Brasil (1998), é importante trabalhar som e silêncio, pois a música se faz pela organização e relacionamento entre ambos, expressando assim as diversas sensações que a música permite.

Timbre: após ouvirem a explicação sobre o timbre, percebeu-se que os alunos, em sua maioria, conseguiram se apropriar do conceito, visto que sempre acertavam de qual colega era a voz que escutavam e qual o instrumento tocado na segunda atividade deste conceito. Na atividade sobre o timbre dos sons do cotidiano, a maioria dos alunos conseguiu relacionar corretamente o som à imagem. Alguns alunos sentiram dificuldade ao identificar o som do relógio cuco e do chuveiro ligado. Ao serem questionados constatou-se que não identificaram o som do relógio cuco, porque nunca haviam visto o objeto, e, do chuveiro ligado, porque se assemelhava muito com o barulho da chuva. De acordo com Ferreira (2002), quando reconhece e reproduz diferentes timbres, a criança está usando seu corpo como elemento criador de música, o que beneficia a saúde do sistema respiratório, bem como estimula seu lado artístico musical.

Ritmo: durante a história musical “O boto carioca” contada para introduzir o conceito de ritmo, todos os alunos prestaram atenção e interagiram durante a contação e se mostraram entusiasmados com as músicas e com os palitoches. Ao treinar o ritmo acompanhando canções com palmas, os alunos apresentaram dificuldades de coordenação motora e demoraram em conseguir acertar o ritmo. Mesmo após várias tentativas, alguns alunos não obtiveram êxito no exercício.

Porém, ao substituir as palmas pelo instrumento chocalho, toda a turma apresentou maior facilidade em acompanhar o ritmo das canções. Ao construírem seus próprios ritmos usando as imagens das mãos e dos pés, a maioria dos alunos sentiu dificuldade em entender a proposta da atividade. Entretanto, após a explicação e alguns exemplos desenhados no quadro, todos os alunos conseguiram confeccionar seu ritmo e executá-lo de forma correta para os colegas.

Conforme Muller e Tafner (2007), é necessário ao ser humano o desenvolvimento do ritmo, pois ele se encontra nas atividades básicas do dia a dia, como andar ou falar. De acordo com as autoras, trabalhar o ritmo com crianças estimula a coordenação motora, o equilíbrio, a flexibilidade, a concentração, a criatividade, a expressão, entre outros, preparando-as melhor para as atividades do dia a dia e também para as atividades escolares.

Altura: após a demonstração e a explicação sobre a altura, a turma em geral conseguiu colorir corretamente a atividade proposta. As duas atividades sobre altura realizadas na quadra de esportes foram executadas de forma correta por toda a turma.

Intensidade: após a explicação sobre intensidade, todos os alunos conseguiram realizar a atividade do objeto escondido, porém, após algum tempo de brincadeira, as crianças se esqueciam de usar apenas a intensidade das palmas e começaram a falar e a se levantar para mostrar ao colega onde estava o objeto escondido. Na atividade de colorir, toda a turma coloriu os desenhos de forma correta.

Duração: na atividade de identificar os sons curtos e longos e colorir, todos os alunos identificaram e coloriram corretamente.

A partir desta análise dos resultados alcançados, evidencia-se que os alunos conseguiram se apropriar minimamente dos conceitos musicais trabalhados em sala. É importante salientar que as aulas realizadas na pesquisa-ação foram ministradas pelo professor-pesquisador que não apresenta formação específica em música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se desenvolveu tendo como objetivo central demonstrar como um professor licenciado em Arte, que não é especializado em música, pode ensinar música em sala de aula. Para isto, buscou-se primeiramente mostrar o

quanto o ensino de música na escola é importante e se faz necessário, à medida que a música faz parte da história cultural da humanidade sendo um direito da criança ter acesso a esta educação musical e pelo fato desta linguagem artística contribuir com a formação integral dos sujeitos.

Evidenciou-se, por meio do estudo, que os alunos envolvidos na pesquisa se apropriaram de forma satisfatória dos elementos musicais apresentados, o que corrobora a hipótese de que é possível se trabalhar as noções básicas da música sem que o professor tenha formação específica em música. Entretanto, mesmo diante da confirmação desta hipótese, defende-se uma formação de qualidade a todos os sujeitos que estão se constituindo enquanto professores de Arte e das demais áreas do conhecimento. Almeja-se ainda, que as instâncias políticas que representam o setor educacional atentem para a necessidade de oferta constante de formação continuada aos professores de Arte, assim como a exigência de formação em licenciatura para o ensino da Arte para ministrarem esta disciplina.

Outro aspecto no qual se deparou no decorrer da pesquisa foi a carência de referências que discutissem o ensino de música na sala de aula, assim como, de pesquisas que relatam situações de aprendizagem musical na escola. Isto se caracterizou como um fator limitador na pesquisa, mas permite inferir que a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas brasileiras é recente, há pouca oferta de cursos de licenciatura em Arte e que a desvalorização do ensino de Arte nas escolas, como resquício histórico, contribui para que os jovens não almejem se constituírem professores licenciados em Arte, logo, tem-se um número reduzido de professores que avançam para os níveis de pós-graduação, tendo como objeto de pesquisa o ensino de Arte ou Música nas escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Arte.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Vol. 3: Conhecimento de Mundo. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: DF, 1998.

CAMARGO, K.F.G. **Música nas séries iniciais**: uma reflexão sobre o papel do professor unidocente nesse processo. Trabalho de conclusão do Plano de Intervenção na realidade escolar, apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional na área de Arte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

FERREIRA, D. **A importância da música na Educação Infantil**. Monografia de conclusão de curso. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2002.

FIGUEIREDO, S. L. F. A preparação musical de professores generalistas no Brasil. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v 11, n 55-61, setembro. 2004. Disponível em: <http://site1367507129.hospedagemdesites.ws/revista_abem/ed11/revista11_artigo6.pdf> Acesso em: 15/04/2016.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDEMBERG, R. **Educação Musical**: a experiência do canto orfeônico no Brasil. Pro-Posições Vol. 6 N° 3 [18], 103-109. Novembro de 1995.

GODOI, L. R. **A importância da música na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

ILARI, B. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 9, n 7-16, setembro. 2003. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed9/revista9_artigo1.pdf> Acesso em: 15/04/2016.

JEANDOT, N. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 1997.

MATEIRO, T.A.N. Educação musical nas escolas brasileiras: Retrospectiva histórica e tendências pedagógicas atuais. **Revista Nupeart**, v.4, n.4, setembro. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2659>> Acesso em: 12/04/2016.

MULLER, R.Z.; TAFNER, E. P. Desenvolvendo o ritmo nas aulas de educação física em crianças de 3 a 6 anos. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v.3, n.11, julho-dezembro 2007. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/ppgedfísica/images/documentos/desenvolvimento%20do%20ritmo%20nas%20aulas%20de%20educacao%20física%20%20muller%20e%20tafner.pdf>> Acesso em: 10/09/2016.

NASCIMENTO, S.A. (Consultora) **Ensino de música na Educação Básica**: estudo analítico de dados e contribuições. Rio de Janeiro, 17 jun. 2013. (Contrato nº AS-1249/2013 Ref.BOC: 914BRZ1136- MEC 2012/2913 Controle UNESCO: 5085).

QUEIROZ, L. R. S.; MARINHO, V. M. Educação musical nas escolas de educação básica: caminhos possíveis para a atuação de professores não especialistas. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v 17, n 69-76, setembro. 2007. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/revista_abem/ed17/revista17_artigo7.pdf> Acesso em: 10/04/2016.

SOARES, M.A; RUBIO, J.A.S. A Utilização da Música no Processo de Alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v 3, n 1,2012. Disponível em: <http://www.facsoroque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>. Acesso em: 12/04/2016.